



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a portais brasileiros da internet

Palácio do Planalto, 10 de outubro de 2008

Jornalista: Presidente, bom dia. Há algumas semanas o senhor deu uma entrevista para o jornal O Globo, e nessa entrevista o senhor dizia que este Natal talvez fosse o melhor Natal da história de todos os brasileiros. Hoje, o que a gente vê é o comércio cancelando encomendas, a gente está diante de uma grande crise. Objetivamente, eu queria saber do senhor que Natal a gente pode esperar para o brasileiro este ano.

Presidente: Eu continuo otimista que nós vamos ter um Natal extraordinário no Brasil. Até porque, embora o Brasil esteja vivo e participando da economia global, a crise não chega do mesmo tamanho em todos os países do mundo. No Brasil nós ainda não temos nenhum grande projeto que tenha sofrido qualquer arranhão. A decisão do governo é de manter todas as obras do PAC, todas as obras de infra-estrutura que nós já assumimos compromisso. Algumas já estão com financiamento pronto, outras já estão contratadas e outras já estão em andamento.

O emprego continua crescendo, os dados do IBGE hoje demonstram que o emprego continua crescendo. Portanto, embora essa seja uma crise que nós estamos acompanhando com lupa, e uma crise muito maior do que todas as outras que aconteceram, seja a russa, a asiática ou a do México, a verdade é que o Brasil está mais preparado. É como se nós tivéssemos tomado uma vacina contra uma doença. Então, ela está demorando para chegar ao Brasil. Talvez, se chegar, chegue em uma proporção muito menor do que está chegando aos Estados Unidos, onde é o epicentro da crise, ou na Europa, porque todos estavam metidos na especulação financeira com o *subprime*.



Não é o caso do Brasil. O sistema bancário brasileiro está sólido, as finanças públicas brasileiras estão sólidas, a política fiscal do governo está muito sóbria e muito serena, as nossas reservas nos dão tranquilidade e até agora não há sinal de que a economia brasileira esteja envolvida no *subprime*. Portanto, ela pode chegar aqui muito menor e não vai atrapalhar o nosso desejo de continuar crescendo.

Obviamente que se tiver uma crise profunda de recessão nos Estados Unidos, e se essa recessão atingir a Europa, que atingirá a China, todos os países irão sofrer. Eu estou convencido de que o Brasil sofrerá menos do que qualquer outro país a crise econômica surgida nos Estados Unidos, estou convencido disso.

Portanto, eu acho que todos nós precisamos nos preparar para comprar tudo aquilo que a gente sonha comprar no Natal e torcer para que o Ano Novo seja infinitamente melhor. Aliás, eu vi uma declaração do presidente de uma dessas federações de comércio dizendo que o otimismo dele para o Natal é muito maior do que no ano passado.

Obviamente que o povo está vendo na televisão, porque também é preciso saber como essa crise é vendida todo santo dia. Eu vou contar dois episódios para vocês. O primeiro é de quando surgiu a história da gripe aviária no mundo. Eu me lembro de uma vez - não vou citar quem, eu me lembro de uma televisão – que morreu uma galinha em Marília, e colocaram na televisão que era gripe aviária. O que aconteceu? Diminuiu o consumo de frango no Brasil, e a gripe aviária não tinha nem chegado aqui. Se naquela época você me perguntasse: “Pode chegar?” Pode. Mas não chegou, porque o Brasil estava distante das aves migratórias, porque nós nos preparamos antes. Eu me lembro até que fiz uma entrevista com a imprensa na Embrapa e pedi: Por favor, quando tiver uma situação dessa gravidade, comuniquem aos especialistas para fazer uma investigação antes de dar a notícia. A questão da febre amarela, dos macacos aqui, foi vendida como uma coisa nacional,



quando era uma coisa localizada. Então, é preciso que a gente dê às crises a dimensão que elas têm.

Essa crise americana é profundamente forte, mas o Brasil está profundamente preparado. Essa é a diferença básica, e por isso nós vamos continuar incentivando. Eu estudei, com a Petrobras, esta semana, e a Petrobras me comunicou o seguinte: de 112 bilhões de dólares que ela tem para fazer investimentos, 104 bilhões são de caixa próprio, não dependem de empréstimo.

Além disso, nós vamos trabalhar para ajudar as empresas brasileiras a terem o empréstimo necessário, de que precisam. Estamos trabalhando fortemente para isso, acho que o presidente da República nunca se reuniu tantas vezes com o presidente do Banco Central e o ministro da Fazenda. Além de me reunir de manhã, de tarde e de noite, eu converso de manhã, de tarde e de noite, nos intervalos, porque nós temos que acompanhar com lupa para não sermos pegos de surpresa.

E, depois, o papel do presidente da República é passar para a sociedade a serenidade que a sociedade precisa para continuar acreditando no País. Isso nós estamos fazendo e vamos continuar fazendo, certamente. De olho, preocupado, atento, mas vamos continuar a fazer o que temos que fazer aqui no Brasil.

Jornalista: Presidente, em relação à crise financeira: o senhor acha que diante dessa crise pode se anular o esforço do Brasil e dos outros países nos investimentos em combate à fome e à pobreza, que é um pilar do governo do senhor?

Presidente: Se nós analisarmos friamente o mundo de 2008, vamos perceber que é um mundo um pouco diferente do mundo de 1998, por exemplo. Pegando 10 anos, nós vamos perceber que é diferente. A Rússia, a China, a



Índia, o Brasil – sobretudo estes países – não tinham a solidez que têm hoje. Hoje, quando falamos em fundo soberano, estamos falando de uma coisa que envolve quase US\$ 3 trilhões. Se a gente pegar China, Índia, Rússia, e quiser colocar Arábia Saudita, México e Brasil, ultrapassa US\$ 3 trilhões. Dinheiro que está na mão dos Estados, que dez anos atrás estavam todos quebrados. Por isso é que a crise russa, que teve uma implicação de apenas US\$ 40 bilhões, criou uma crise no mundo.

Hoje, a crise... Só os Estados Unidos já colocaram US\$ 1 trilhão. O nosso amigo Gordon Brown, primeiro-ministro da Inglaterra, ontem anunciou mais US\$ 1 trilhão para o sistema financeiro. Já são US\$ 2 trilhões, e a crise não está causando no Brasil o impacto que causou uma crise de 40 ou 70 bilhões de dólares. Isso porque o Brasil está mais sólido. Isso porque os empréstimos que nós temos que fazer para crescer, já estão contraídos. Isso porque os bancos brasileiros estão mais preparados, não estavam na especulação. Isso porque o BNDES está mais estruturado. Isso porque a economia brasileira está crescendo fortemente. Isso nós vamos continuar fazendo.

Eu tenho conversado, tenho recebido cartas das indústrias que vieram me comunicar investimentos aqui, todas vão manter os investimentos. Aliás, Deus queira que o Brasil seja um bom lugar para que eles façam os investimentos e tenham os lucros necessários para ajudar as matrizes a pagar suas dívidas lá no exterior.

Os programas sociais vão continuar. Acho que a elevação e as conquistas sociais no Brasil têm demonstrado que é possível acabar com a fome. Todos os países do mundo podem fazer isso. Custa barato, muito barato e é muito eficaz. Pouco dinheiro na mão de muita gente significa socializar as coisas neste país. Agora, muito dinheiro na mão de poucos significa concentração de riqueza e empobrecimento de todo mundo. Então, o Bolsa Família e os programas de investimento em educação, o Saúde na Escola,



ProJovem todos esses programas vão acontecer. Nós não iremos tirar um centavo desse dinheiro.

Tem muita gente que fala “o presidente Lula está muito otimista, não está vendo a crise”. Ora, meu Deus do Céu. Eu sou um tipo de ser humano que quando vou visitar alguém no hospital, quando alguém está doente, não fico contando pra ele quantas pessoas já morreram daquela doença, eu fico contando das pessoas que se curaram, das pessoas que tinham aquela doença e desapareceu. Ou fico contando outras coisas, para não contar de doença. Tem gente que vai ao hospital visitar um coitado que está quase em fase terminal e começa “ontem morreram três com a mesma doença”, “ontem morreram quatro”. Eu não sou esse tipo de gente. O meu papel é passar serenidade para a sociedade brasileira, a verdade absoluta para o povo brasileiro.

Na medida em que essa crise chegar ao Brasil e tiver implicação na diminuição dos investimentos, ou o governo for obrigado a diminuir os investimentos, com a mesma serenidade que estou dizendo que o Brasil está em um momento bom, eu vou dizer: companheiros, amigos e amigas, a situação está se agravando e nós vamos ter que fazer isso, fazer aquilo, e anunciar as medidas. Eu tenho evitado trabalhar com pacote. Tenho dito ao Guido e ao Meirelles que com pacote atrás de pacote, este país já quebrou a cara muitas vezes. Eu prefiro ir tomando medidas pontuais, na hora em que for necessário.

Não é porque o médico fala que você tem que tomar 20 injeções, que você vai tomar as 20 de uma vez. Toma uma de cada vez. Aí você vai se curar melhor do que se tomar todas de uma vez. Então, comigo não tem pacote, comigo serão medidas na medida em que for necessário tomar medidas. Posso dizer: muita serenidade, muita atenção, conversar com muita gente. Ontem, por exemplo, quando eu liguei para o Bush, perguntei: Afinal de contas, quando é que vão entrar em vigor as medidas que você anunciou? Ele me disse: “Ainda



vai demorar de duas semanas e meia a três semanas”. E nós sabemos no que implica o processo eleitoral lá. Então, posso dizer para você que estamos tranquilos de que os problemas sociais, os investimentos que nós estamos fazendo na área social são, na verdade, o garante que precisamos para fortalecer o mercado interno brasileiro e para que a economia brasileira continue crescendo.

Feliz o Brasil nesse momento, que tem uma combinação de crescimento do mercado externo e crescimento do mercado interno. Feliz do Brasil, que tem uma diversificação da sua relação comercial que não depende apenas da economia americana ou da economia européia, como em outros tempos. Hoje, nós temos uma relação comercial com muitos outros países, e estamos conversando com todos os países.

O Guido agora vai ter reunião com os ministros da Fazenda dos BRICs, do G-20, talvez a gente convoque para os próximos dias uma reunião do Mercosul para discutir, porque este é o momento da política. Na medida em que a economia – sobretudo grande parte da economia virtual – falhou e está causando prejuízos à economia real, este é o momento da política, dos dirigentes políticos assumirem a responsabilidade de tomar as decisões.

Jornalista: Presidente, estamos aqui reunidos os portais da internet, muito obrigado. Vou fazer uma pergunta sobre internet ao senhor. O TSE, nessas eleições, legislou mostrando que os portais de internet devem seguir as mesmas regras na campanha política que as concessionárias públicas de rádio e televisão. O TSE também proibiu propaganda eleitoral fora da faixa única de cada candidato. O TSE está legislando, na nossa visão, de uma maneira que não pode fazer, para restringir a livre expressão. O senhor concorda com essa atitude antidemocrática do TSE?



Presidente: Olha, se você for candidato e estiver sendo a vítima da internet, certamente concordaria. Se você for um cidadão brasileiro ou o presidente da República, que ama a liberdade de expressão e de comunicação, nós achamos que precisamos cuidar da melhor maneira possível para que os meios de comunicação, inclusive a internet, funcionem da forma mais aberta e com a maior responsabilidade possível.

Eu acho que negar a informação ou proibir as pessoas de fazerem a propaganda que quiserem fazer de seus candidatos é negar o direito de expressão, que é tão legítimo quanto qualquer outra coisa que pode passar na internet. Então, eu penso que é preciso que a gente tenha a seguinte visão: a internet é uma revolução que possivelmente há quinze anos ninguém imaginava a dimensão que poderia ter. Ninguém tinha noção de que um jornal televisivo que vai ao ar todos os dias já fica velho no momento em que vai ao ar, porque a gente já sabe da notícia via internet. Então, tentar coibir um espaço em que a gente recebe notícia em tempo real...

Eu brinco sempre, dizendo que quando faço um discurso aqui embaixo e chego na minha mesa e sento, e está todo o discurso, goste ou não goste, está lá o que vocês publicaram. Acho isso extraordinário. Agora, vamos ter cuidado, vamos estabelecer regras para que não se possa fomentar coisas como pedofilia na internet, ou outras coisas mais graves que se possa ter na internet.

Mas do ponto de vista da comunicação, da liberdade de expressão, eu acho que temos que agradecer a existência da internet, porque ela deixou tudo mais antigo e tudo mais ultrapassado. Essa é uma revolução, eu não sei ainda se os donos dos meios de comunicação já começaram a estudar carinhosamente o que vai acontecer quando mais brasileiros tiverem computadores, quando mais brasileiros tiverem acesso à internet.

Daqui a pouco até um filme... Outro dia eu estava pensando, uma pessoa tira todas as músicas que ela quiser na internet. E aí, as pessoas ficam discutindo a pirataria, a pessoa tira dentro de casa, quantas quiser e à hora que



quiser. Eu acho isso fantástico, do ponto de vista do extravasamento da liberdade do ser humano de ter acesso às coisas, eu acho extraordinário.

Portanto, eu acho que nós precisamos tomar cuidado para, em nome de estabelecer um regra de funcionamento que não coloque em risco a sociedade – como no caso da pedofilia, que eu vi cenas mostradas pelo Senado, realmente é abominável, nós temos que ter um acordo, inclusive com os provedores, que têm responsabilidade de não permitir que aquilo aconteça. Mas fora isso, em se tratando de debate cultural, político, econômico, viva a internet!

Jornalista: Presidente, vou (inaudível) voltar à crise. O senhor já editou uma medida provisória garantindo ao Banco Central a prerrogativa, se necessário, de comprar as carteiras de crédito de bancos pequenos. O senhor tem adotado um discurso de cautela, não alarmista, em relação à crise, que o senhor considera que ainda não chegou em cheio ao Brasil. Caso essa crise fique mais forte – e a tendência, acredito, seja essa – e o Brasil se encontre no meio desse processo, e caso o senhor veja que bancos grandes, grandes instituições financeiras brasileiras acabaram se envolvendo no que o senhor classificou como cassino, acabaram involuntariamente ou não, se envolvendo em algum tipo de irresponsabilidade, o senhor considera a possibilidade de ajudar esses bancos, de salvar esses bancos, ou de deixar que eles paguem o preço pelo que o senhor tem dito ser cassino, irresponsabilidade, imprudência?

Presidente: O grande problema... Quando os governantes colocam dinheiro em um banco, como colocou agora o Gordon Brown, como colocou o Bush, a idéia é muito menos salvar o banco, a idéia é garantir aos donos das contas no banco que eles vão ter seu dinheiro garantido. Senão, o que acontece? A corrida aos bancos quebrará os bancos. Então, é muito mais em função disso.



Alguns já estão agindo com mais sabedoria. Eu já vi, inclusive, pessoas mais conservadoras dizerem: “nós vamos disponibilizar recursos para os bancos, mas comprando ações dos bancos”. As pessoas já não querem mais dar, como nós demos o Proer. As pessoas agora estão fazendo o seguinte: “está precisando de dinheiro para garantir a conta corrente das pessoas? Então, é o seguinte: vou pôr tanto, e isso significa que estou comprando ações desse banco”. Na hora em que a situação melhorar você pode vender, devolver as ações. Esse é um critério importante.

Deixa eu te dizer por que nós tomamos a medida para garantir que o nosso Banco Central pudesse fazer redesconto. O mundo inteiro faz redesconto. No Brasil, isso não era permitido. Ora, pode ser que no momento em que tomaram essa decisão, o Banco Central não tinha nem condições de fazer redesconto, mas agora tem. Nós tomamos como primeira medida – vocês acompanharam na semana passada – diminuir o compulsório para que os bancos grandes pudessem comprar as carteiras dos bancos menores. O Banco do Brasil, por exemplo, comprou três carteiras.

Nós fomos informados depois de que havia uma pressão muito grande dos bancos grandes em cima dos pequenos, ou seja, é aquele negócio, não é? As pessoas querem levar vantagem em tudo. Há sinais de crise no mundo, e em vez de terem o mínimo de solidariedade, cada um quer meter a mão e ganhar o máximo possível. Então, o que nós fizemos? Não vamos permitir que os bancos pequenos fiquem reféns dos bancos grandes. Vai o próprio Banco Central fazer o redesconto.

E veja que engraçado, foi a primeira vez na história do Brasil em que antes de ser assinada a medida provisória, eu trouxe todos os líderes do Congresso Nacional, comuniquei a eles o que ia fazer, fizemos uma exposição da crise com o Banco Central e o Ministério da Fazenda, e assinei a medida provisória na frente deles, porque não poderia ter futrica na imprensa antes de eu assinar a medida provisória. Isso vai ser muito importante, porque agora os



bancos pequenos têm a garantia de que, provando a necessidade, o Banco Central fará o redesconto.

Jornalista: Mas, e no caso dos grandes?

Presidente: Não há até agora, o Guido e o Meirelles têm conversado todo dia também com os banqueiros, não há nenhum sinal de que os bancos estejam metidos no *subprime*, não há nenhum sinal. Obviamente, se tiver vai aparecer em algum momento. As pessoas podem esconder isso. Veja que esta crise começou no ano passado, a primeira vez que falei sobre *subprime* foi em setembro do ano passado, parecia que não tinha nada, parecia que era uma coisa pequena e aí foi aparecendo, foi aparecendo... Isso é como boletim de criança que tira nota baixa e quer esconder do pai. Não adianta, um dia aparece. Então, é melhor que as pessoas contem logo, para as pessoas tomarem posição. Até agora nós não temos informação no Brasil. Portanto, estamos tranquilos. O nosso problema hoje é de liquidez, e nós queremos ajudar, sobretudo em se tratando de ajudar os exportadores brasileiros.

Jornalista: Presidente, gostaria de fazer uma pergunta ao senhor e, depois, recuperar duas coisas que o senhor falou, que para mim não ficaram muito claras. Uma é sobre essa questão da crise ainda, já teve esse debate no Brasil, ele ficou meio esquecido, mas agora poder ser propício. Os bancos centrais do mundo inteiro, se a gente considerar, do mundo inteiro não, mas dos principais países, têm uma autonomia até maior que o BC brasileiro. O senhor cogita ou acha que é o momento de dar autonomia legal para o Banco Central brasileiro? Aquilo que se discutia lá no começo do seu mandato. Sobre isso que o senhor falou, durante as respostas aqui, que acho que falta complemento: é sobre uma reunião do Mercosul, que o senhor falou que pretende fazer, acho que é de emergência, não é? E queria saber quando, se o senhor cogita isso quando o



senhor voltar de viagem?

E a outra questão, Presidente, é que o senhor falou que ontem o senhor teve uma reunião com o Meirelles e com o Mantega, eles foram até lá, na reunião do G-20 Financeiro e do FMI. Queria saber qual foi a mensagem que o senhor pediu que eles transmitissem: “O Brasil não quer pagar o preço da crise” ou “O Brasil aceita colaborar, desde que não seja para prejudicar o seu crescimento?” Queria que o senhor me dissesse qual foi essa mensagem, essa questão do Mercosul e essa questão do Banco Central.

Presidente: Primeiro, a questão do Mercosul não falta complemento coisíssima nenhuma. Eu acho que tem que fazer uma reunião. Estou viajando e só volto na próxima quinta-feira, e isso vai ter que ser feito depois da quinta-feira, da próxima semana.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não sei se vai. Vamos estar viajando eu e o Celso Amorim, na viagem vamos conversar sobre isso e vamos ver. Se tomar a decisão, pega o telefone e convoca a reunião.

A segunda coisa é com relação à autonomia do Banco Central. Isso não se discute mais. Isso era uma coisa muito feita quando esses bancos que estão quebrando agora, nos Estados Unidos, vendiam a idéia de que eram a “sabedoria universal do sistema financeiro de todos os países do mundo” e davam palpites. O Banco Central brasileiro tem hoje uma respeitabilidade que poucas vezes teve na história do Brasil. Eu tenho convicção, porque viajo o mundo, de que nunca um ministro da Fazenda do Brasil e um presidente do Banco Central foram tão levados a sério como são levados a sério hoje o Guido Mantega e o Meirelles. Portanto, a autonomia está na relação do presidente da República com o Banco Central. Esse assunto não se discute mais, não está



na pauta de ninguém mais. E a outra pergunta?

Jornalista: É sobre a reunião de ontem, o que o senhor pediu para eles falarem lá?

Presidente: O que nós temos dito... Isso também é razão da minha participação nas Nações Unidas. Eu tive uma reunião com o Gordon Brown, com o Zapatero, com o primeiro-ministro da Austrália, com o primeiro-ministro da Áustria, e nós discutimos a necessidade dos bancos centrais se organizarem e estabelecerem um novo padrão de funcionamento do sistema financeiro mundial, sobretudo quando se trata de alavancagem. Não se pode permitir que alguém possa financiar aquilo que não tem ou, se alguém está financiando uma coisa, que tenha suporte para pagar em momento de crise.

No Brasil, a alavancagem normalmente chega entre 9 e 10 vezes. Nos Estados Unidos chegou a 35 vezes. Os bancos centrais, o FMI, o Banco Mundial, todos aqueles que podem ter interferência precisam começar a bater bumbo nessa direção, para que a gente normatize internacionalmente que um banco só pode fazer investimento com alavancagem oito vezes, sete vezes, diminuir o potencial.

A outra coisa que eu disse ao companheiro Guido e ao companheiro Meirelles, e que também discutimos lá fora - que é uma coisa, para mim, extremamente importante - é essa figura do bônus. Tem uma quantidade enorme de diretores e de gerentes que estabelecem metas entre eles e, depois, para cumprir essas metas fazem qualquer coisa, ficam trabalhando na chamada "economia virtual", onde não tem um real, não tem um dólar, não tem um yen, não tem nada, é só papel, papel, papel... E acontece o que aconteceu. Então, é preciso mais responsabilidade.

Vocês estão lembrados de que quando eu fui para o G-8 eu levantei a questão do mercado futuro de petróleo. Todas as conversas que tenho com os



países produtores de petróleo, quando a gente perguntava, mesmo para a Petrobrás: “por que o preço do petróleo está a U\$ 140, U\$ 150?” O que eles diziam: “é por causa do consumo da China”. Até que o Senado americano pediu uma investigação para saber o que estava acontecendo com o petróleo, porque a mesma quantidade de barris de petróleo que a China consome já estava sendo especulada no mercado futuro. Era tão verdadeiro, na época foi pouco divulgado, mas era tão verdadeiro, que agora a China continua consumindo a mesma quantidade de barris de petróleo e o petróleo caiu para U\$ 85. Qual a explicação, se não a especulação?

A mesma coisa é a commodity. Qual a explicação para as commodities subirem do jeito que subiram em junho deste ano, se não, outra vez, as pessoas vendendo aquilo que vão produzir em 2010, 2012, 2013, 2014, especulando e precificando? Então é preciso tomar cuidado para que essas coisas... ao você comprar uma coisa dessas, você tem que pelo menos depositar uma parte disso para saber se isso é verdadeiro ou não.

Eu penso que essas coisas, eles vão discutir e certamente há uma tendência, porque agora não é uma crise dos pobres. Antes, quando era nos países pobres, “ah, porque não tem controle fiscal, porque não sei das quantas”. Agora não, agora a crise, o calo é no pé dos ricos. Eles que se apresentaram para nós nos últimos 50 anos como infalíveis, como as pessoas que sabiam tudo, agora estão percebendo que quando a gente permite a vulnerabilidade no trabalho da economia, quando a gente permite que a economia real seja ultrapassada pelo cassino financeiro, todo mundo corre risco.

Eu penso que é um bom momento para o mundo se ajustar, é um bom momento para que a gente faça regras claras que valham para o Brasil, para o Paraguai, para o Uruguai, mas que valham para os Estados Unidos, para a Alemanha, para a França, para a China e para a Índia.



Jornalista: Presidente, eu volto aqui à questão da internet. Sei que a crise, principalmente a crise (inaudível), mas como eu estou representando um portal aqui, a recomendação é que eu faça perguntas sobre internet. O senhor acabou de fazer elogios à internet. O senhor acessa muito a internet? De que programação o senhor gosta? O senhor acessa pouquíssimo...O senhor baixa música, (inaudível).

Presidente: ...muito mais através da Clara Ant, muito mais (inaudível). Quando eu deixar a Presidência da República, eu vou acessar tudo o que eu não tive direito agora, sobretudo música.

Jornalista: O senhor já baixou alguma música, Presidente?

Presidente: Esses dias baixei música para dar de presente ao Cid. Eu queria achar três músicas. Uma era do Paulo Sérgio e do Marcos Valle, “Viola enluarada”. Depois, eu queria dar uma música para o Cid Gomes, eu arrumei uma... eu não sei por que, eu estava lá com ele, comecei a cantar e ele falou: “eu nunca ouvi essa música”. Eu falei: pois essa música é do Ary Toledo, o famoso comedor de gilete do Ceará. E a outra eu queria dar para o Jaques Wagner, eu não sei o nome do cantor, mas é uma que homenageia a Bahia, que fala assim: “sou da Bahia, comigo não tem horário, não sou otário e você pode zombar; sou cabra-macho, sou baiano toda hora...” Eu queria dar porque eles são mais jovens e nunca ouviram essas músicas, eu queria dar para eles.

Eu não sei como é que os donos das produtoras de CD e DVD vão sobreviver nesse mundo libertário que a internet possibilita às pessoas. Eu não sei se já estão exigindo alguma regulamentação, alguma coisa, mas em algum momento alguém vai começar a “chiar” por isso. E depois tem uma coisa importante, que é ter notícias sem precisar sujar a mão, isso é uma coisa nobre.



Eu penso que o papel do presidente da República, e uma coisa em que eu acredito piamente, é o seguinte: nós estamos fazendo o maior programa de inclusão digital que o País já pensou ter. Quando nós decidimos fazer um acordo com as empresas de telecomunicação e colocar internet banda larga em 55 mil escolas públicas urbanas deste país, quando nós decidimos fazer telecentros em todos os municípios deste país... Esta semana eu fiz uma reunião com todos os companheiros brasileiros – acho que eram 12 ou 14 pessoas – que trabalham com telecentros espalhados pelo Brasil afora, com participação das comunidades, em negócios de internet.

O Computador para Todos foi um trabalho... nós demoramos dois anos apenas para saber se iríamos financiar ou não, coisa que a gente poderia ter feito muito mais rápido, e estar vendendo muito mais... Qual é o nosso objetivo? É fazer com que as pessoas mais humildes do País tenham acesso e possibilidade.

Uma coisa que me sugeriram e achei extraordinária, ontem já chamei a Dilma e falei: Dilma, já tem uma demanda aqui, é o seguinte... Ontem, um companheiro falou assim para mim: “Presidente, essas obras do PAC que estão sendo feitas na periferia, tem que levar rede de internet para todos esses bairros brasileiros que têm obras do PAC.” Eu achei extraordinária a idéia. Você está fazendo um benefício, R\$ 400 milhões de investimento em esgoto sanitário, em água potável, aproveita e leva a banda larga para lá, você vai fazer uma revolução naquela comunidade. Então, eu acho isso excepcional, acho que o Brasil está conseguindo recuperar o tempo perdido.

Muitas vezes a criatividade dos políticos não permite que eles avancem, ficam no “rame-rame” às vezes durante anos, quando as coisas têm que ser muito mais ágeis, têm que ser muito mais produtivas.

Eu acho que nós vamos terminar 2010 com um avanço extraordinário de inclusão digital. Por exemplo, os laboratórios de informática nas escolas técnicas. Todas as escolas têm laboratório, mas eu não me conformo, é muito



pouco ter uma escola com 300 alunos e ter um laboratório com 20 computadores, é muito pouco, até cada um ter acesso. Nós precisamos colocar mais, não pode ser uma coisa que o cidadão tem acesso ao computador uma vez a cada dez ou quinze dias.

Veja uma coisa: nós demoramos um ano e meio ou dois anos para aprovar a idéia da inclusão digital. E por que fizemos acordo com as empresas de telecomunicação? Porque nós entramos na Justiça para recuperar a Eletronet e fazer por conta do Estado, utilizar toda a extensão de fibras óticas que nós temos nas linhas de transmissão, nos gasodutos, que estavam paralisados. Estamos brigando na Justiça ainda, mas foi por conta dessa decisão nossa de que iríamos fazer, que as empresas de telecomunicação nos procuraram: “vamos fazer um acordo”. E fizeram. Estão cumprindo, graças a Deus.

Meninos e meninas, eu tenho que ir para São Paulo, agora.

Jornalista: Mas a gente não falou nem um pouquinho sobre política...

Presidente: Ah, porque não quiseram...

Jornalista: Não deu tempo. Presidente, para onde o senhor vai viajar?

Presidente: Eu não vou viajar...

Jornalista: Nem ajudar a Marta?

Presidente: Eu não decidi ainda. Talvez eu vá a São Paulo, só. Eu tenho pouco tempo, estou viajando agora, tenho uma semana fora. Quando eu voltar, no dia 20 eu vou à Jamaica, acho que é dia 20 ou 22. Depois eu tenho uma semana só.



Jornalista: Presidente, com os laudos, agora, o senhor acha que o Paulo Lacerda deve voltar? Com os laudos da Abin...

Presidente: Vamos esperar. Eu vou dizer só o que eu disse da outra vez. O Paulo Lacerda é um extraordinário profissional brasileiro. Feliz do país que tem um profissional do gabarito dele. Ele foi afastado até para garantir a honradez dele. Quando eu tiver o laudo, que chegar na minha mão, que o ministro da Justiça me der, então eu tomarei a decisão.

(\$31DGJLP)